

Por isso corro demais...

Notas etnográficas de uma corredora iniciante

Lucia Mury Scalco

Resumo: Este artigo aborda o tema das corridas de rua a partir do universo feminino, procurando realizar uma análise dos significados referentes à prática desta modalidade esportiva. Através do relato de minha experiência pessoal com a prática da corrida, e tendo como referência as teorias antropológicas urbanas - especialmente as que abordam o esporte, os ritos contemporâneos e a construção do *self* na modernidade - descrevo o modo pelo qual fui paulatinamente me construindo como corredora, bem como a minha participação na 84ª Corrida São Silvestre - a corrida mais popular do Brasil. Por fim, através deste mergulho etnográfico, reflito sobre os limites, as possibilidades e os riscos existentes para o ofício da antropologia quando a fórmula tradicional do método etnográfico – observação participante – passa a ser uma participação observante (Wacquant, 2002). **Palavras chave:** etnografia, rituais, antropologia do esporte, corrida de rua

Abstract: This article deals with the theme of street running under the female universe's point of view. I observe the meanings of this modality of sportive practice. The main empirical support is my own personal experience with running. In the scope of anthropological theory, I drive my attention to urban studies on sports, contemporary rites and the self building in the modernity. With these bases, I show the mode which I was constructing myself as a runner, and thus I describe the highlight event in this path: a participation in the 84th São Silvestre Race - the most popular Brazilian race. Finally, through this ethnographic immersion, I discuss the limits, the possibilities and the risks to anthropological metier, when the traditional formula of ethnographic method – participant observation – is inverted into an observant participation (Wacquant, 2002). **Keywords:** ethnography, rituals, sports anthropology, street racing

1 Introdução: A vida corrida

Em princípio, qualquer um de nós pode se tornar um atleta quando o esporte é a *corrida de rua*. As exigências, de modo geral, são poucas: um bom estado de saúde, um par de tênis e disposição. Tais facilidades ilustram a tentativa de uma primeira explicação acerca de um fenômeno que cresce a cada dia: os *corredores de rua*. De toda forma, encontrar pessoas pelas ruas e parques nos centros urbanos (até mesmo no frio ou na chuva) tornou-se, atualmente, um fato comum. Instigante e relativamente *novo*, tal fato aponta para algumas questões: Por que toda essa gente corre? Quais as suas motivações para realizar essa prática? Pode esse fenômeno ser explicado apenas pelo discurso da medicina? Qual a *verdade* a respeito da produção de adrenalina? Quais as questões culturais, biológicas ou de gênero que emergem a partir desse esporte? O que são as *corridas de rua*? Onde acontecem esses eventos? Quem participa? Como?

Em praticamente todas as grandes cidades do mundo há *corridas e maratonas*. No Brasil, em 2008 foram contabilizadas mais de 600 (seiscentas)

corridas de rua, realizadas nas mais diversas cidades do país, impactando e movimentando positivamente a economia local. E entre atletas profissionais, amadores e os de *final de semana*, a estimativa é que já existam mais de 4 milhões de corredores¹. Esse fenômeno já foi captado pelas grandes marcas esportivas que, a cada dia, investem mais em variadas ações de marketing para atrair público, o que cria um importante aparato mercadológico.

Naturalmente não existe uma causa única capaz de explicar o porquê dessa prática; cada campo do conhecimento enfatiza determinado aspecto. Mesmo correndo o risco de cair numa visão reducionista, elenco a seguir algumas teorias explicativas. A Biologia, por exemplo, responde a essa pergunta ancorada na teoria da evolução de Darwin, a qual prioriza a seleção natural e a nossa herança genética ancestral. Conforme esses

¹ Fonte CORPORE (Corredores Paulistas Reunidos), uma entidade sem fins lucrativos, fundada em 1982, que envolve o maior Clube de Corredores da América Latina e promove Corridas de Rua. www.corpore.com.br Acesso em: 10/02/2009.

teóricos, a corrida foi uma prática fundamental para a sobrevivência humana, visto que há 6 milhões de anos (época em que os primeiros homínídeos surgiram no continente africano) os homens viviam em bandos e literalmente *corriam* para caçar ou para não serem caçados. E essa habilidade ainda está inscrita no nosso código genético; o *discurso* é que nascemos feitos para correr! (Heinrich, 2002).

O campo da medicina explica a corrida pelos *benefícios* advindos dessa prática esportiva², que pode ser reproduzido pela máxima: *Esporte é saúde*. Assim, correr melhora a respiração, fortalece o coração, tonifica os músculos e evita a perda óssea. Além disso, a corrida faz com que o cérebro produza e libere uma série de substâncias, entre elas a endorfina, as quais são responsáveis pela sensação de bem-estar e prazer. Uma vez que o corpo se acostuma a receber o estímulo que provoca boas sensações, fica estabelecida uma espécie de dependência, ou seja, o organismo sente falta dessas substâncias liberadas pelo exercício. Nessa perspectiva, o que o senso comum chama de

² Fonte: Site oficial Dráuzio Varella
<http://drauziovarella.ig.com.br/entrevistas/bdexercicios6.asp>.
Acesso em: 04/03/2008

vício da corrida é então essa reação química que se estabelece durante a prática da atividade esportiva.

Já a psicologia acentua os importantes benefícios comportamentais advindos da prática, tais como o aumento da autoconfiança, o controle emocional, o bem-estar, a redução do estresse, aumento da concentração etc. Além disso, quando uma pessoa *corre*, geralmente o faz com planejamento, embora muitas vezes com caráter lúdico, é possível estabelecer uma meta e isso traz motivação.

Enfim, entre inúmeras possibilidades de recorte e de explicação desse fenômeno existe a perspectiva antropológica que também oferece uma modalidade de discurso sobre essa prática. O estudo que apresento a seguir está baseado na teoria antropológica e tem como objetivo problematizar a corrida de rua a partir do universo feminino, procurando realizar uma análise dos significados referentes à prática da corrida de rua para as mulheres, em seu contexto histórico e social. Para tanto, tendo como exemplo o estudo de Wacquant (2002) – autor que realiza um mergulho etnográfico no mundo do Boxe – foi importante enfrentar o

desafio de correr, treinar e participar de corridas de rua. Assim, consegui inserir-me em um universo totalmente novo para, a partir de um olhar antropológico, poder problematizar a questão.

Destaco, porém, que diferentemente de outras disciplinas que trabalham diretamente com o esporte e que possuem um envolvimento e/ou comprometimento com a *performance* dos atletas (medicina, educação física, marketing esportivo, etc.), como bem ressalta Damo et al (2008), a antropologia atua de forma indireta, caracterizando-se sobretudo pela análise e interpretação do fenômeno. Para a antropologia, o esporte é um fenômeno sociocultural e sua história revela como a prática esportiva sofre inúmeras transformações, derivadas do processo civilizatório da sociedade.

Início através do relato de minha experiência com a prática da corrida, no qual é possível detalhar de que forma foi feita a escolha do tema, o modo pelo qual fui paulatinamente me construindo como corredora, bem como facilidades/dificuldades e riscos existentes para o ofício da antropologia quando a fórmula tradicional do método etnográfico – a *observação participante*

– passa a ser uma *participação observante* (Wacquant, 2002). Terminei esse item contextualizando a 84ª corrida de São Silvestre, principal corrida de rua brasileira, da qual participei.

Na segunda parte, faço uma rápida introdução sobre as *corridas de rua*, o ato de correr, sua evolução para o esporte de massa e a gradual inserção das mulheres nessa prática. Destaca-se, ainda, a criação de um sofisticado mercado consumidor em torno desse esporte, que se complexifica a partir da sua difusão no mundo globalizado. Concluindo, amparada nas teorias antropológicas urbanas, especialmente as que abordam o esporte, os ritos contemporâneos e a construção do *self* na modernidade, (através dos seus instrumentais conceituais: sociabilidade, interação, prestígio, e *performance*) problematizo a prática feminina da *corrida de rua*. Isso posto, convido o leitor a uma “corrida” pelo fascinante tema.

2. O aprendizado da corredora/antropóloga

Em virtude do pouco tempo disponível, com o ingresso no Mestrado, parei de praticar esportes. No entanto, para não ter uma vida completamente sedentária comecei a freqüentar com regularidade uma pista de corrida, denominada CETE (Centro Estadual de Treinamento Esportivo)³. Esse local oferece à comunidade várias oportunidades para formação esportiva, como aulas de ginástica, vôlei e futebol, etc, além de disponibilizar uma pista atlética para caminhada e corridas. Atualmente, aproximadamente 2 mil pessoas⁴ diariamente se exercitam na pista (correndo ou caminhando), incluindo atletas (profissionais e amadores) e o

³ Fonte: www.fundergs.rs.gov.br. Acesso em: 20/02/2009

⁴ Pode-se concluir, baseado em inúmeras pesquisas sobre segurança pública e mudança de hábito dos brasileiros, que a grande maioria do público que se exercita no CETE (em lugar de parques), o fazem por questão de segurança, pois o local é cercado, tem estacionamento gratuito, iluminação à noite e guardas que monitoram o local. Ver em:

<http://www.ibope.com.br/calandraWeb/servlet/CalandraRedirect?temp=5&proj=PortalIBOPE&pub=T&db=caldb&comp=Not%EDcias&docid=A616D2C73C2149D183257420005A47AD> Acesso em: 01/03/2009

público em geral. Importante ressaltar aqui o local como um espaço democrático de sociabilidade e de convivência, porém não livre de tensões.

Muitas vezes, os interesses tão díspares entre o profissional e o amador esbarravam-se na *pista*. Ou seja, apesar de existir uma norma exposta em uma placa no portão central, definindo e dividindo os espaços de treinamento (raias 1 e 2 reservada para velocidade, 3 e 4 trote, 5 e 6 caminhada mais rápida, etc.) não raro presenciei conflitos nos quais algum desavisado atrapalhava o treino dos atletas em função de estar caminhando descansadamente onde não devia, estar calçando algum sapato inadequado na pista ou, até mesmo, acompanhado de crianças pequenas que não respeitavam os espaços demarcados. Enfim inúmeros foram os desabafos de atletas em relação ao grande número de usuários caminhando na pista: *por que essa gente toda não vai caminhar nos parques? Aqui deveria ser só para quem quer treinar e correr....* Contudo, nas oportunidades em que frequentei a pista para caminhar, também escutei reclamações em relação aos corredores: *esse pessoal se acha.*

Querem a pista só para eles. Só porque correm, pensam que têm mais direito que a gente.

A prática da corrida nunca me atraiu. Fazia parte do grupo de pessoas que não encontravam qualquer sentido em gastar tanta energia sem um benefício claro, como fazer um gol, marcar um ponto, realizar um saque. Todavia, a convivência de perto com os corredores (vendo-os treinar ao meu lado), a curiosidade e o excesso de peso fez-me mudar de idéia e resolvi experimentar.

As primeiras tentativas foram solitárias, pensei que iria conseguir correr perseguindo os *famosos* 5 minutos correndo, os outros 5 caminhando, com aumento progressivo do tempo. Acontece que eu não conseguia progressos e estava, ao contrário, ficando cada dia mais frustrada por simplesmente não evoluir. Observando os outros corredores, notei que a grande maioria contava com um técnico, um especialista que orientava os treinos. Fui conversar, por acaso, com um desses profissionais que ficam *na pista* e expliquei meu objetivo. Foi bem clara: *detesto correr, mas quero conseguir correr*. Sem muito espanto, Marcelo, que é

professor de educação física e preparador físico de uma importante equipe de triatlo⁵, afirmou-me categórico; *qualquer um pode correr, obviamente se não possuir alguma restrição médica. Aposto que consegue!*

Expliquei que aceitava o desafio e que minhas intenções eram: melhorar o meu condicionamento físico, conseguir correr *por prazer* e, claro, emagrecer um pouco. Comecei realmente bem devagar, alternando também corridas e caminhadas, com a diferença que nesse momento havia um objetivo traçado, além do apoio de um profissional experiente e especializado.

Nessa ótica, em pouco tempo a corrida já estava fazendo parte da minha vida. O tênis, boné, filtro solar, o mp3 passaram a fazer parte da minha rotina. A metodologia desenvolve-se com a montagem de planilha⁶ de treinamento individualizada, que busca o objetivo específico de cada praticante, tendo pelo menos um encontro

⁵ Esporte que envolve três modalidades esportivas em suas competições: natação, corrida e ciclismo.

⁶ Em anexo, uma planilha do meu treinamento para ilustrar o nível de sofisticação e personalismo do trabalho.

presencial por semana, ao passo que os outros treinos podem ser realizados utilizando o programa estipulado. As planilhas são normalmente enviadas via e-mail.

Aos poucos, fui percebendo as muitas nuances existentes na prática da corrida e, mesmo no início dos meus treinamentos, já existia uma curiosidade como profissional de todo aquele universo. Por exemplo, é bem forte a ligação existente entre os atletas e os seus técnicos e/ou preparadores, o que torna uma peça fundamental para o entendimento do esporte.

Também fui conhecendo outros corredores e corredoras, interessando-me mais pela prática e, depois de algum tempo, surgiu a sensação de que havia adquirido um novo *status*. A partir de então, já não integrava apenas a turma dos *caminhantes*, eu agora fazia (ou tentava fazer) parte da turma dos *corredores*. Então, descobri *o mundo da corrida*. A cada dia, ficava mais impressionada com os relatos e o nível de envolvimento, dedicação e sacrifício que muitos realizavam para conseguir correr. Essa prática esportiva tinha e tem uma centralidade quase religiosa para alguns desses

atletas, os quais dão sentido às suas vidas, guiando seus hábitos, o seu consumo, a sua alimentação, seus horários de lazer e, até mesmo, as viagens, como ilustrarei com algumas passagens etnográficas ao longo do artigo.

Quando surgiu a oportunidade de escrever uma monografia para a disciplina de Doutorado, abarcando um tema diferente das nossas especialidades, achei um privilégio misturar a minha prática privada com a prática profissional. Meu projeto inicial consistia em uma reflexão sobre o fenômeno das corridas, mais especificamente em relação às *corridas de rua*. Para tanto, decidi participar da mais importante, tradicional e, quiçá, mítica corrida do Brasil: a prova de São Silvestre, que acontece sempre no dia 31 de dezembro de cada ano em São Paulo. Os *nativos*, os praticantes do esporte, consideram-na como uma obrigação. *Pelo menos uma vez na vida, o corredor tem que participar*. É, assim, algo muito próximo de um rito de passagem ou, como irei refletir a seguir, como a obrigação de ir a Meca pelo menos uma vez na vida na religião mulçumana.

Nessa ordem, fui conversar com o meu técnico sobre a idéia da pesquisa e perguntar a respeito de minhas reais possibilidades de conseguir correr tal prova, a qual possui a fama de ser muito difícil. Teríamos apenas 4 meses de preparação. Obviamente eu não teria nenhuma obrigação com tempo e *performance*, entretanto estava decidida a correr todo o trajeto, e foi essa meta que persegui durante todo o tempo de treinamento. Ou seja, o meu objetivo inicial, que era só a forma física, sem nenhuma pretensão de competir, foi completamente alterado. Tudo mudou depois que esse novo desafio foi acordado, uma vez que foi preciso dedicar muito mais seriedade aos treinos, que ficaram obviamente muito mais fortes e com mais velocidade. A minha rotina transformou-se em acordar cedo (*não pode chover!* Expressão recorrente ouvida por quem pratica esse esporte), sendo que segundas, quartas, sextas e sábados, treinava por cerca de 1 hora. Resolvi finalmente procurar um cardiologista e uma nutricionista. Precisei, além disso, para conseguir correr, praticar musculação – para o reforço dos músculos e prevenção de lesões – e

alongamento (relaxamento e alívio para as dores nas costas advindas da intensificação dos treinos no asfalto).

Calculei ter feito cerca de 80 horas e mais de 650 km *corridos* nesses quatro meses de preparação para a corrida. A seguir, reproduzo alguns trechos do meu diário de campo a fim de exemplificar resumidamente como foram as rotinas dos treinos:

23/08 Sábado , 8h30min. Frio e vento, fui correr no Beira Rio (local em Porto Alegre, na beira do Rio Guaíba). Teste. Corri durante 45 min. E para a minha surpresa, encontrei muitos corredores, sozinhos ou em pares, eles venciam o frio e o vento numa atitude bem naturalizada. Parecia que só eu estava sentindo todo aquele desconforto... mas, conforme a fala do meu técnico: Faz parte. Daqui a pouco tu te acostuma...

27/08 quarta feira, 7h30min. da manhã. Corri sozinha. Acho que se quiser companhia tenho que chegar às 6 horas, pois é este o horário preferido ou possível de alguns corredores que pegam às 8... ou seja, que trabalham às 8 horas. Treinei bem forte. Tô toda dolorida, tô começando a duvidar que vou conseguir. Um desafio; tomara que os joelhos agüentem... o meu treinador quer que eu aumente a frequência e corra 4 vezes por semana (socorro). Já me mandou uma planilha, com os novos treinos e objetivos.

30/08 - sábado. Chuva, chuva e chuva. Corri na esteira, não é mais a mesma coisa...

06/10, sábado, 7h30min. da manhã. Chuva. Corri assim mesmo. Reza a lenda entre os corredores que: se correres com chuva, bom, daí já podes se juntar ao time, já estás viciada... Estou tentando retomar os treinos pois estive viajando.

10.09 quarta feira, treino forte. Corri 17 voltas e caminhei 2. O Marcelo gostou. Já estou bem enturmada e feliz com a nova turma. Todos são muito divertidos e alegres. Já me sinto em condição de fazer entrevistas.

19.10 segunda feira. Meu Deus, fiquei 11 dias sem correr. Parece uma heresia. Não deu para correr na viagem. To atrás do tempo perdido. O Marcelo, de novo, pediu mais empenho nos meus treinos. Eu estou super relapsa, to correndo 3 vezes e precisa ser no mínimo 4 vezes “É pouco, tu tem que te puxar... falta pouco. Ta sendo difícil, ter tanta dificuldade... todo mundo corre mais rápido que eu, que saco. Vamos tentar de novo amanhã...

20/10 Compareci. Já tinha corrido, ontem, mas fui. Mais 1 hora de treino. “Pra soltar..” eles dizem. O que exatamente eu não sei, mas bem obediente fui, pois conforme o meu técnico é preciso pra tu não fazer feio na prova. Isso quer dizer fazer um bom tempo, porém no meu caso isso significa conseguir terminar a prova. Corri fora da pista, mais ou menos 6 km . Adorei. Sem pressão e sem o maldito cronômetro. Depois fiquei conversando com o pessoal. Muito legal todos eles. Rimos e nos

divertimos muito. Uma corredora vai fazer aniversário no próximo sábado. Todos vão levar coisas e comemorar na pista. Me senti convidada e pretendo comparecer. Vou levar alguma coisa também... Mas vou ter que acordar cedo sábado também... Eles realmente não se importam em acordar cedo, nem final de semana...

Nunca havia participado de nenhuma corrida e, antes de correr na São Silvestre, surgiu a oportunidade de participar de uma corrida em Brasília, com percurso de 10 km – a prova da Caixa Econômica Federal. Tenho uma amiga que corre regularmente em Brasília, em uma equipe de corredores. Acompanhei vários treinos, nos quais tive a oportunidade de conversar com várias mulheres corredoras, o que me oportunizou um aprofundamento no entendimento do tema. Participei da prova, inclusive com a camiseta da equipe. Completei a prova em 1 hora e 7 min., o que foi considerado um bom tempo. Tive a sorte de ter companhia de um velho e experiente amigo, que já correu 8 maratonas e fez a gentileza de correr ao meu lado, apoiando-me. Correu como *pipoca* (termo emprestado da festa popular da

micareta)⁷ que designa quem participa, mas não tem inscrição. No seu linguajar, designou-se *coelho*, ou seja, guia, o que confesso, muito me ajudou, já que seguir os seus conselhos (respira, diminui o ritmo, bebe água, falta pouco, etc.), foi crucial para o meu *debut* como corredora.

Vivi um momento subliminar de euforia quando finalmente cruzei a linha de chegada. Entreguei meu chip e recebi os cumprimentos, água e medalha. Nesse momento, incorporei o *papel de corredora* e finalmente consegui entender um pouco sobre a *grande emoção* que representa para um atleta tal feito. Uma corredora que eu entrevistara no dia anterior veio me abraçar e concluiu; *Olha, não adianta a gente ficar te explicando o sentido de participar de uma corrida, tem que correr para sentir.....*

⁷ Ficar na *pipoca* é um termo conhecido popularmente pelos frequentadores das micaretas (carnavais fora de época) que significa ficar fora dos blocos, cordões e trios elétricos.

2.1 *O mana*⁸ da São Silvestre

A corrida de São Silvestre é a mais famosa e esperada do Brasil, fazendo parte do calendário da Associação Internacional das Federações de Atletismo (IAAF). Comporta as mais variadas expectativas dos corredores: vencer e quebrar recordes (os chamados atletas de alto rendimento); melhorar o seu tempo (os atletas amadores) ou simplesmente completar o percurso.

Conhecida como a mais antiga corrida, a São Silvestre acontece, sem exceção, todos os dias 31 de dezembro desde 1924, cujo fundador foi o jornalista Cásper Líbero. A primeira edição da corrida foi noturna e contou, na época, com apenas 48 atletas masculinos⁹. O nome da corrida simboliza uma homenagem ao Santo do dia (São Silvestre), Papa que governou a Igreja durante o Império Romano, sendo responsável pela

⁸ Força transcendente e espiritual com caráter sagrado (Riviere, 1997).

⁹ Só em 1975 é que as mulheres começaram a participar. Ainda hoje é reduzido o número de corredoras nesta prova. Na última edição (2008), as mulheres eram somente 16% dos inscritos

passagem do cristianismo como religião oficial do Estado. É considerado o santo da renovação¹⁰.

Toda essa tradição faz com que a tal prova tenha um *glamour* e um sentido especial, atraindo uma multidão de corredores, entre atletas profissionais e amadores.

Não é um percurso fácil. Da largada no Museu de Arte de São Paulo (Masp), até a chegada no prédio da Fundação Cásper Líbero, ambos na Avenida Paulista, percorre-se 15 km de subidas e descidas, onde a cidade vai se revelando por distintas *paisagens*, ora por ruas arborizadas, ora por avenidas e viadutos feitos para carros, ora por prédios e locais históricos de São Paulo.

O treino e preparação duraram mais de quatro meses, cujo objetivo era conseguir correr essa prova. Além disso, procurei todas as informações possíveis a respeito do evento, da prática da corrida. Para tanto, li várias reportagens em revistas especializadas com depoimentos

¹⁰ Fonte: Fundação Cásper Líbero
<http://www.saosilvestre.com.br/2008/historia/santo.php>.
Acesso em 12/02/2009

descritivos acerca da prova, com conselhos e dicas de especialistas sobre como ter uma boa *performance*, os problemas da largada, enfim, preparei-me para essa corrida. Todavia, confesso que todas essas leituras teóricas não foram suficientes para explicar o que presenciei ao chegar à Avenida Paulista: milhares de pessoas, horas antes da virada do ano, dispostas a, como eu, correr 15 km.

Decididamente é uma *festa* para quem corre e para quem assiste. Durante todo o percurso, centenas de anônimos incentivam e aplaudem outros anônimos. O público envolve-se e se solidariza com o esforço dos atletas. Na chegada, a torcida aplaude cada um, não importando a classificação (primeiro ou último lugar). Histórias interessantes não faltam e muito menos heróis, visto que todos se sentem assim ao cruzar a linha de chegada.

Nessa perspectiva, tive a sensação de que existem diversas São Silvestres. Há a corrida que *passa na TV*, e atrai a atenção da mídia e, em especial a da Rede Globo. Essa emissora transmite o evento ao vivo para todo o Brasil e obviamente

prioriza o esporte, o desempenho dos atletas, etc; por outro lado, existe a outra corrida popular, dos anônimos, das pessoas que correm e fazem a sua própria festa naquele momento liminar. A seguir, resumidamente conto como foi a *minha* São Silvestre:

Para minha sorte, o céu estava encoberto e a temperatura era de 27°C. Cheguei à Avenida Paulista uma hora antes. Estava nervosa e ansiosa, pensando nas minhas expectativas, nas dos amigos e familiares a respeito da minha participação na prova. Não tinha certeza se iria conseguir correr toda a corrida, estava também com medo do final, da famosa subida da Av. Brigadeiro. Além disso, estava me sentindo desconfortável na posição ambígua de corredora/pesquisadora. Por um lado, não queria perder a oportunidade de conversar com as milhares de mulheres à minha volta; por outro, eu precisa focar-me e concentrar-me na corrida. Decidi relaxar, já que não estava conseguindo me distanciar, e assim aproveitar o momento para simplesmente ser mais uma na multidão... e depois literalmente correr! Posicionei-me erradamente à espera da largada, mas fui aconselhada por um experiente corredor, que já havia corrido 15 vezes a prova, a procurar outro lugar para a largada. Ele relatou-me que já havia presenciado muitos tombos e empurrões no momento da largada e resolvi seguir o conselho, o que foi uma sorte, pois após muito caminhar, posicionei-me onde as pessoas não queriam ganhar a corrida, mas simplesmente desfrutá-la. De repente, um foguete explodiu. Todos

gritaram. Finalmente, a largada. A multidão começou a se mover. Só pisei no tapete e cruzei a largada aproximadamente 20 minutos depois da largada. Acionei o relógio e comecei a correr. Realmente é preciso ficar atenta para não ser atropelada, principalmente pelas pessoas que estão correndo com cartazes e faixas. Outro problema era que, sempre que alguma câmera de TV ou fotógrafo se aproximava, havia aglomeração. A corrida foi muito divertida. A São Silvestre é um palco, onde muitos aproveitam o evento para se manifestar, homenagear ou protestar sobre os mais diversos temas, desde a causa dos palestinos, de grupos de apoio a diabetes, de doação de sangue, bem como a corrida é utilizada por políticos e partidos para realizar propaganda política. Não faltam também personagens humorísticos que fazem o maior sucesso. Por exemplo, eu corri do lado de um sócia do Barack Obama, detalhe, trajando terno e gravata (não sei se conseguiu completar a prova, mas corri uns 3 km perto dele), também havia outro rapaz vestido de Batman, com uma longa capa preta, uma noiva (que é tradição da prova, há vários anos participa assim), e fica gritando: estou correndo atrás de um noivo, me ajudem a pegá-lo... outro corredor estava fantasiado de táxi, que numa atitude irônica oferecia seus serviços aos corredores com aspecto de cansados... havia também um índio de Alagoas, pintado para guerra. Que festa é a prova. Por todo o trajeto, tem gente torcendo e apoiando. Corri com o boné do Internacional (meu time de futebol) e inúmeras vezes ouvi gritarem palavras de apoio como: dá-lhe Inter, ou força gaúcha, o que me motivou e me emocionou ainda mais. Estava muito feliz em perceber que todo o meu treinamento estava dando

resultado; eu estava conseguindo correr e, mais do que isso, estava me divertindo... Contudo, chegou a temida subida. Faltavam só 2 km para a chegada e comecei a ficar bem cansada. O corpo já estava dando sinais de que não podia continuar, mas a cabeça me empurrava para continuar. Fiz amizade com uma paulista, de 35 anos, que também estava correndo pela primeira vez. Fizemos quase todo o trajeto juntas e ela me ofereceu um energético, para tomar junto com a água. Não sei bem o que aconteceu, mas comecei a passar mal e por alguns (poucos) minutos tive que caminhar para não ter que abandonar a prova. Mas logo o enjoo passou, engatei uma “primeira” e evitando ficar olhando aquela subida desafiadora, pensava na chegada e mentalizava o final da corrida. A felicidade de chegar à Avenida Paulista é enorme: avistar o pórtico e cruzar a linha de chegada! Consegui completar a prova em 1 hora e 55 minutos, obtendo a classificação de número 2063. (Fiquei na média, pois 50% dos participantes completam a prova entre 1h30min. e 2h). “De alma lavada”, entreguei meu chip, recebi a minha medalha e muito emocionada ganhei novamente as ruas. Misturei-me às milhares de pessoas, procurando minha família, que me aguardava, porém dessa vez deixando escorrer as muitas lágrimas contidas e pensando no próximo desafio que me esperava: ter que passar para o papel toda a maravilhosa experiência.

2.2 Os quenianos e o debate entre natureza / cultura

É impossível falar em *corrida de rua* no mundo, atualmente, sem mencionar o domínio africano. Desde 1987, data da primeira maratona

ganha em Nova York, o Quênia já ganhou mais 74 títulos no circuito das principais provas de 42,195 km. Só na última temporada de 2008 no Brasil, eles venceram quatro das principais provas, inclusive com a vitória na 84ª corrida de São Silvestre, o Quênia volta a ficar à frente do Brasil em número de conquistas na prova. Tais fatos têm causado muita discussão e existe a disposição da Confederação Brasileira de Atletismo (CBAT) em até limitar a participação dos atletas africanos nas provas de rua do Brasil. O Quênia é considerado o país das corridas de médias e longas distâncias. E o mais interessante é que 80% dos seus atletas de elite são membros da tribo Kalenjins¹¹, uma das 42 tribos do país. Essa tribo originou-se no Sudão, mas seus membros estão espalhados entre a Tanzânia e Uganda, países sem tradição nesse esporte.

Toda essa supremacia dos africanos nos faz refletir acerca das questões da biologia e da

¹¹ P. Cheruiyot, quatro vezes vencedor da Maratona de Boston, B. Lagat, campeão mundial dos 1.500 m e dos 5.000 m, e P. Tergat, o primeiro corredor a cumprir os 42,195 km em menos de 125 minutos. Fonte: <http://www1.folha.uol.com.br/folha/esporte/ult92u406764.shtml>. Acesso em 12/02/2009

genética, que estão inseridas dentro de um debate maior, representado pelo binômio *natureza x cultura*. Como lembra Feathstone (1994), a própria Ciência Social enfrenta dificuldade em superar tal dicotomia que insiste em separar o corpo da cultura. Nas palavras do autor:

Ainda que frequentemente se aceite a divisão do trabalho acadêmico, legado do dualismo cartesiano – separação corpo/mente que tem sido uma grande influência no Ocidente – coloca o corpo nos limites da biologia, deixando para a sociologia a análise das estruturas social dos atores ou agentes que parecem existir fora das exigências do tempo de vida do corpo. Portanto, pode-se argumentar que a sociologia tem negligenciado o lugar do corpo na vida social e, em particular, o corpo vivo. Ao mesmo tempo temos que estar conscientes do fato de que os corpos não operam no mundo social como coisas “em si mesmas”, ao contrário, sua capacidade de operar é medida pela cultura. Com efeito, a cultura é escrita sobre corpos e nós precisamos examinar os modos particulares de como isso acontece em diferentes sociedades. (Feathstone, 1994, p. 19)

No caso dos quenianos, o senso comum reduz a causa do seu sucesso a características físicas espetaculares que eles possuem, valendo-se da idéia do dom, *de quem é bom já nasce feito*, designando uma característica herdada, a qual não

pode ser adquirida; um biótipo magro, ossatura fina, pernas longas e troncos pequenos são considerados ideais para as corridas de longa distância. No entanto, esse argumento não se sustenta porque existem países na África com as características físicas muito semelhantes, porém sem nenhuma tradição nas provas de corrida. O diferencial apontado pelo técnico do Quênia¹² para explicar o sucesso do país no mundo das corridas aproxima-se mais da noção antropológica, já que relaciona o sucesso com as crianças e ao sistema educacional local: muitas crianças vivem em áreas rurais isoladas e afastadas e precisam, desde pequenas, percorrer longas distâncias de suas casas até os colégios, crescem treinando, mesmo sem saber. Ou seja, a cultura sendo transmitida e adquirida como parte do crescimento e desenvolvimento do ser humano.

¹² Fonte: Reportagem Folha de São Paulo:
<http://www1.folha.uol.com.br/folha/esporte/ult92u406764.shtml>. Acesso em: 15/02/2009

3. A corrida de rua

Para que correr? A resposta talvez seja: porque correr oferece benefícios que vão além do exercício físico. Ao correr, é possível desfrutar da paisagem, do sol, da natureza, proporcionando um bem-estar tanto para o corpo quanto para a mente. Assim, dentre os hábitos de lazer do homem urbano, cresce cada vez mais a prática da chamada *corrida de rua*, já sendo reconhecida a expansão dessa modalidade esportiva.

A Federação Internacional das Associações de Atletismo (IAAF) define as *Corridas de Rua* como provas de pedestreanismo, disputadas em circuitos de rua (ruas, avenidas, estradas) com distâncias oficiais variando de 5 a 100 km. Esse esporte teve origem na Inglaterra, no séc. XVIII, tornando-se bastante popular.

Contemporaneamente, por volta dos anos de 1970, aconteceu o fenômeno que ficou conhecido como "*jogging boom*", que representou a popularização do esporte. Cunhou-se um termo *fazer Cooper – ou correr* - baseado na teoria do médico norte-americano Kenneth Cooper que

incentivou a prática das corridas como meio para alcançar os benefícios do condicionamento físico.

Interessante ressaltar que as *corridas de rua*, nos seus primórdios, tinham um caráter subversivo e inovador, na medida em que propunham outra lógica para a competição; sem local definido – fora das pistas de corrida tradicionais – e com a opção de poder correr livremente pela natureza. (Segalen, 2002).

Além disso, existem os aspectos democráticos desse esporte: a mesma corrida comporta atletas amadores e profissionais, lado a lado, todos, teoricamente com as mesmas chances de vitória e, vale ressaltar ainda, a interação social que o esporte proporciona, visto que, ao menos durante as provas, não há hierarquia nem classes; em princípio, todo mundo é corredor.

A corrida de rua pode ser realizada por qualquer pessoa com boa saúde física, e o corredor não precisa ter, necessariamente, uma habilidade específica para participar. Não exige parceiros nem espaços específicos, podendo ser praticado sozinho ou acompanhado. As provas de maratonas, espalhadas pelo mundo, são um

capítulo a parte devido a sua grande representatividade. A maratona de Nova York¹³, na sua última edição (2008), contou com mais de 30 mil participantes e foi vencida por um brasileiro, Marílson Gomes dos Santos.

Nessa ótica, há corridas de todos os tipos: provas de 5 km, 10 km, 21 km, maratonas, revezamentos, provas diurnas, noturnas, corporativas, infantis, de mulheres, de aventuras, de casais, as que realizam sob o luar, corridas por causas humanitárias, até as sem premiação e cronometragem, com objetivo de integração e divertimento.

Entretanto, o que antes era uma prática individual, como uma simples possibilidade de aumento da atividade física diária para as pessoas sedentárias, e que pode ser resumida através da expressão, *corria-se quando se podia*, transformou-se em uma atividade dirigida, na qual os treinos e a preparação física realizam-se com maior rigor e aporte científico. Ou seja, a corrida passou de uma prática individual para uma prática

¹³ Fonte:

<http://esporte.uol.com.br/atletismo/ultimas/2008/11/02/ult4353u614.jhtm> Acesso em: 12/02/2009

compartilhada socialmente, através de um grupo e de um técnico especializado que orienta e treina.

3.1 O mercado – A corrida de ouro

Os milhares de corredores existentes no mundo movimentam um negócio com cifras milionárias (somente o mercado de material esportivo movimenta R\$ 3 bilhões¹⁴). Outras empresas fora do circuito esportivo já perceberam a oportunidade de negócios que representa esse público em potencial, além da positividade em termos de marketing de ter o seu nome associado a um esporte com tanta penetração nas mais diversas classes sociais.

A expectativa de crescimento médio anual gira em torno de 40%, está atraindo novos concorrentes que *correm* atrás dos adeptos das *corridas de rua* - um contingente estimado em 4,5 milhões de praticantes que compram pelo menos dois pares de tênis por ano¹⁵.

¹⁴ Fonte: Valor econômico:
[http://www.g21.com.br/materias/materia.asp?cod=18444&tip
o=noticia](http://www.g21.com.br/materias/materia.asp?cod=18444&tipo=noticia) Acesso em: 08/03/2009

¹⁵ Idem

Para correr, basta um tênis; contudo, os acessórios estão cada vez mais sofisticados e já fazem parte da prática esportiva vários itens como; bonés, óculos, relógio com medidor de frequência, aparelhos de GPS (localização), roupas com alta tecnologia (com modernos sistemas específicos para evitar a transpiração, irradiação solar, etc.), também a parte de alimentação e suplementos e os mais variados tipos de bebidas para hidratação .

Os tênis – encarados como o *pneu do atleta* – possuem agora diferentes tipos de amortecedores e grande variedade de modelos, inclusive para os diferentes tipos de *pisada* do atleta. O top da tecnologia é o tênis realizado em parceria entre a Apple e a Nike, que disponibiliza para o corredor todas as informações sobre o tempo, as calorias, a distância e a frequência de seus movimentos realizados, mediante a informação de um chip que vem instalado no tênis e que envia os dados para um Ipod Nano.

Enfim, é visível a adesão de pessoas com maior poder aquisitivo praticando a *corrida*, e novos serviços sendo oferecidos a essa prática,

como as assessorias esportivas, academias, nutricionistas. Junto a isso, existe um amplo calendário com muitas opções de corridas e maratonas, o qual propicia um promissor mercado que mistura corrida e turismo, com agências de viagens especializadas só em vendas de pacotes para tal público.

3.2 *A última que chegar é mulher do padre!*

Não é minha intenção neste trabalho aprofundar a discussão de gênero. Todavia, antes de entrar na especificidade do tema, recorro, resumidamente, a uma teoria feminista que aponta para o *protagonismo* feminino e ajuda a entender a participação das mulheres na sociedade, inclusive a sua posição em relação ao esporte, especificamente na participação nas *corridas de rua*. Não é uma guerra entre os sexos. É preciso ver as mulheres não como construtoras de uma nova cultura, mas uma cultura marcada pela construção de si, sustentada na sexualidade e na combinação do que eram antes dois pólos opostos; afetividade e razão, corpo e espírito, masculino e feminino. Dentro dessa linha, a

mulher reflete, então, a tendência da sociedade contemporânea da procura da felicidade em nível individual e de desacreditar nas formas tradicionais de ação e de utopias coletivas (Tauraine, 2007).

A participação das mulheres no universo predominantemente masculino das corridas é crescente e recente. O marco dessa mudança foi o feito de uma americana que, em 1967, correu a maratona de Boston disfarçada de homem, quebrando com isso o velho tabu de que as mulheres não possuem força e resistência para correr 42.195 metros. No ano de 1974, as mulheres começaram a disputar maratonas em Olimpíadas e, neste mesmo ano, aqui no Brasil, começaram a correr a prova da São Silvestre. Desde então, a participação e a *performance* das mulheres só têm aumentado, mostrando que é possível que se envolvam nas esferas de referência essencialmente masculinas e viris.

Elas (ou nós!) já representam cerca de 30% dos corredores aqui no Brasil, e os prognósticos são de expansão. As provas preferidas pelas

mulheres são as de 10 km, sendo muito menor o índice de participação em maratonas.

A prática da corrida tem-se apresentado como definidora de modos de agir e pertencimento. Na minha *participação observante*, foi possível constatar que todas as mulheres com as quais conversei/entrevistei possuíam uma história de esforço e de superação, sendo unânimes em dizer que a vida mudou a partir das novas prioridades que a corrida acarreta, alterando o que conhecemos como *estilo de vida*. Colhi, ao longo de todos esses meses, o que chamei de impressões sobre a prática da corrida, respostas à minha insistente pergunta: *por que tu corres?* A título de ilustração:

Só de pensar em dieta, eu tinha vontade de sair correndo... pois foi justamente isso que fiz.... corro para poder comer!,

É a minha terapia, o meu momento, corro pra descansar, e ainda mantenho a forma!

Tenho uma sensação de alívio, de tarefa cumprida. Sou viciada em correr, me ajuda a manter a forma, desestressa e libera a ansiedade. É uma verdadeira terapia! (Diário de campo)

Foram realizadas ainda algumas entrevistas com atletas e mesmo no pequeno espaço deste trabalho, reproduzo a seguir um trecho de uma delas:

Comecei a correr em 1993. Tive dois motivos: primeiro perder peso e segundo por ciúme do marido que jogava futebol toda semana e eu ficava em casa cuidando das crianças, indignada porque ele não me ajudava. Depois de muitas brigas, ele me perguntou por que eu não praticava um esporte também. Uma semana depois, me fiz de louca, cheguei do serviço, coloquei uma bermuda, um camiseta e um tênis (conga), que era o único que tinha, e fui para rua toda desengonçada, dei apenas uma caminhada. Fiquei caminhando uma semana e depois comecei a trotar de leve. Três meses depois, já estava correndo 1h “solita no más” (...) Para resumir a história, já fiz 34 maratonas e 6 provas de 50km. Bem, foi assim que comecei a correr e foi a única vez que eu ouvi e obedeci ao meu marido. Quero correr uma prova de 100km, mas quero fazer sem me preocupar com tempo, só quero sair e chegar bem. Acho que me fará muito bem. Sou uma apaixonada pela corrida e não pela competição. (Sílvia, enfermeira, 48 anos)

A atividade de correr mostra-se muito rica no plano simbólico, e pode revelar vários aspectos do papel reservado à mulher e ao seu corpo enquanto veículo de beleza, sexualidade.

Existe um *discurso* recorrente sobre os benefícios da corrida para as mulheres, e estas acabam aderindo ao esporte a partir de diversas motivações: seja pela busca do primeiro lugar no pódio, seja pela medalha de participação, pela forma física ou simplesmente pela sociabilidade encontrada na prática da corrida.

Decididamente a *corrida de rua* não é algo homogêneo, sua prática é vivenciada e experienciada diferentemente, incluindo também contradições e ambivalências que só um estudo mais aprofundado desse universo seria capaz de interpretar.

A seguir, introduzo alguns conceitos antropológicos no intuito de, embora sinteticamente, problematizar a questão.

4. A antropologia do esporte

Primeiramente, é preciso definir o que significa esporte para a antropologia. O esporte é um fenômeno sociocultural e sua história revela que a prática esportiva vem passando por inúmeras transformações, derivadas do processo civilizatório da sociedade. Elias e Dunning

oferecem uma nova significação para a prática esportiva quando ampliam o seu conceito tratando o esporte “como algo mais do que uma modalidade de uso do corpo”. (Damo et al, 2009, p. 9). Nas palavras do próprio Dunning:

O livro possui uma alta relevância por ter demonstrado que o esporte moderno emerge como parte de um processo civilizatório e que a principal função do esporte é a produção de excitação prazerosa e socialmente construtiva, e que ela serve também para criar oportunidade de sociabilidade e movimento em uma variedade de formas complexas e controladas (...).

Nesse contexto, o esporte possui um vínculo com o “ideário moderno, civilizado, disciplinado, codificado, espetacularizado” (Damo et al, 2008, p. 9). O espaço da corrida complexifica-se a partir da sua difusão em escala global e da sua relação com outros campos (econômicos, políticos, etc.), ficando assim impossível de compreender o significado da *corrida de rua* sem considerar a complexidade social e cultural do mundo contemporâneo. Ou seja, a globalização, o culto ao corpo, as teorias do *self made man* sobre o

consumo, bem como o feminismo representam o pano de fundo desse cenário.

Para poder captar o fenômeno em toda a sua complexidade, é preciso ampliar a discussão para um campo de pesquisa interdisciplinar, no qual estejam presentes as questões de gênero, geracional, do lazer, do corpo, do espetáculo e também do turismo.

Na busca de conceitos que ajudem a dar sentido à prática esportiva da *corrida de rua*, a Antropologia normalmente recorre à *teoria dos ritos*. São muitas as definições de rito, que basicamente pode ser definido como uma forma geral de expressão da sociedade e da cultura (Riviere, 1997) ou como reafirmador de laços sociais e agentes na produção de sentido (Segalen, 2002).

O rito, durante séculos, esteve vinculado à religião. Durkheim o considerava como uma regra de conduta que prescrevia como o homem deveria se comportar em relação às coisas sagradas. Outra contribuição fundamental foi a do autor Van Gennep (Turnê 1974) que estudou e descreveu inúmeros ritos de passagem (iniciação, casamento,

morte, etc.) e os dividiu em três fases: a separação (ruptura com o mundo profano); a marginalização e a ressurreição simbólica. Além de descrever os ritos, associou o funcionamento dos mesmos à sua utilidade social. “O rito parece eficaz não pelo que exprime e significa, mas porque ele próprio opera uma mudança de forma real e não simbólica” (Riviere, 1997, p. 43).

Aos poucos, os ritos foram sendo *dessacralizados*, e as ciências sociais começaram a perceber que existiam muitos ritos não religiosos que operam de forma semelhante aos ritos sagrados. Esses são chamados de ritos profanos que, mesmo sem ter uma ligação a um mito, mas somente a valores importantes, possuem uma lógica e satisfazem-se com a intensidade emocional, por exemplo, ir uma partida de futebol ou a um concerto de rock. Uma característica importante desses ritos profanos é que eles “colocam o sujeito em relação com a coletividade e o libera do seu isolamento” (Riviere, 1997, p. 80).

Nessa perspectiva, Segalen (2002) constata o que chamou de *déficit ritual* na sociedade contemporânea, que priva as pessoas do apoio

coletivo e assim obstrui a criação do senso de identidade dos indivíduos e dos grupos. Explico melhor: conforme a autora, como competitividade e racionalidade são as principais características da modernidade, as manifestações coletivas, os ritos tradicionais estão perdendo importância e representatividade na nossa sociedade.

Ressalto, entretanto, que é preciso cuidado ao usá-los, uma vez que o *rito* tem atualmente o seu uso banalizado, sendo que qualquer atitude que esteja fora do padrão e diferente do normal e racional pode ser encarado como rito. Por exemplo, um espetáculo esportivo, os jogos olímpicos ou um show de rock podem ser considerados ritos, mas são manifestações completamente distintas. O mesmo acontece em relação às *corridas de ruas*. Qual corrida? Quem corre? Como? Quando? Como bem lembra Bromberger (1998), a especificidade da antropologia é o de fazer aparecer as convergências e as diferenças, tornando assim o esporte um poderoso elemento revelador da cultura de uma sociedade.

Conclusão

Escrever sobre este assunto foi uma reflexão contínua à minha prática de pesquisar/correr. Naturalmente não encontrei a chave para abrir a porta e descortinar todos os sentidos existentes nesse esporte para as mulheres. Esporte que ser visto como uma prática utilitarista, que reproduz o discurso da mídia que insiste em comercializar a felicidade (*corra e seja feliz!*); em apregoar a beleza e a magreza como uma ordem universal, fazendo com que esse padrão tenha que ser *vivido* como um dever de todas as mulheres.

Não obstante, correndo o risco de reduzir a análise a uma explicação única, enfatizo que (ainda) existe um caráter subversivo da prática da corrida. Apesar da sua conformação e banalização, percebi, através da minha própria experiência e da etnografia realizada, que a corrida representa uma ferramenta para o autoconhecimento, para superação e para a liberdade.

Finalizando, na sociedade líquida e fluida em que vivemos (Bauman, 2000), a corrida para

nós, mulheres, serve como cimento para dar liga, sentido e socializar as nossas vidas!

Referências

BAUMAN, Zygmunt, 2003 *A Modernidade Líquida*. Rio de Janeiro, Ed. Jorge Zahar.

BROMBERGER, Christian, 1998 *Passions ordinaires*. Paris, Bayard Editions.

CERTEAU, Michel de, 2008 *A invenção do cotidiano: artes de fazer*. Petrópolis, Rio de Janeiro: Editora Vozes.

DAMO, Arlei, 2007, *Do dom à profissão: uma etnografia do futebol de espetáculo a partir da formação de jogadores no Brasil e na França*. São Paulo: editora Hucitec, Anpocs.

_____. 2008, Apresentação. In: *Revista Horizontes Antropológicos*. Porto Alegre, v. 13, n. 30, Editora UFRGS.

DEBERT, Guita Grin, 2002, *A reinvenção da velhice Socialização e Processo de reprivatização do envelhecimento*. Rio de Janeiro: Editora FGV.

FEATHERSTONE, M., 1994, "O curso da vida: corpo, cultura e imagens do processo de envelhecimento", in G. G. Debert, (org.), *Antropologia e velhice* (col. "Textos Didáticos" 13), UNICANIP-IFCH.

HEINRICH, Bernd, 2002, *Why We Run: A Natural History*, Nova York: Ed. Harper Collins.

RIVIÉRE, Claude, 1997 *Os ritos profanos*. Petrópolis: Editora Vozes.

SEGALEN, Martine, 2002 *Ritos e Rituais Contemporâneos*. Rio de Janeiro: Ed. FGV.

TOURAINÉ, Alain, 2007 *O mundo das mulheres*. Petrópolis, Editora Vozes.

TURNER, Victor, 1974 *O processo ritual Estrutura e Anti-estrutura*. Petrópolis: Ed. Vozes.

